

CONSIDERAÇÕES SOBRE METAENUNCIÇÃO E POLIFONIA EM DADOS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

ADRIANA DE PAULA (IEL-UNICAMP).

Resumo

O acompanhamento longitudinal do percurso de escrita de um sujeito pode ser um caminho fecundo para a compreensão do próprio processo de aquisição da linguagem escrita, permitindo a elaboração de hipóteses sobre o modo como cada sujeito vai traçando seu percurso pelo mundo da escrita. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho, fruto das reflexões iniciais do meu projeto de Doutorado, tem como objetivo aprofundar as investigações acerca da relação desenho/escrita em dados de aquisição, tomando como objeto de análise o corpus de M.L., autora de uma vasta produção de desenhos e textos escritos que se encontram arquivados no banco de dados do Projeto "A relevância teórica dos dados singulares no processo de aquisição da linguagem escrita", desenvolvido desde 1992 no IEL/Unicamp, bem como dados transversais retirados desse mesmo banco de dados, que nos permitam verificar de que modo o desenho e a escrita são explorados ao longo do processo de aquisição de linguagem de um sujeito. A partir da análise dos dados de M.L., será discutido o processo através do qual emergem e vão se constituindo a polifonia e a metaenunciação na produção textual desse sujeito, características observadas nos dados já analisados e que parecem contribuir para a constituição da ironia que caracteriza o estilo desse sujeito (cf. Abaurre 1999, 2001 e 2003). Serão analisados também, a partir dos dados transversais, de que modo outros sujeitos exploraram o desenho em alguns momentos de seu processo de aquisição da escrita, de modo a enfatizar a idéia de que o desenho é uma linguagem capaz de expressar o querer-dizer de um sujeito num momento em que a escrita ainda não está plenamente desenvolvida e que através de uma análise longitudinal é possível reconstituir o percurso individual trilhado por esse sujeito ao longo de seu processo de aquisição da escrita.

Palavras-chave:

metaenunciação, polifonia, aquisição da escrita.

Introdução

O acompanhamento longitudinal do percurso de escrita de um sujeito pode ser um caminho fecundo para a compreensão do próprio processo de aquisição da linguagem escrita, permitindo a elaboração de hipóteses sobre o modo como cada sujeito vai traçando seu percurso pelo mundo da escrita. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho, fruto das reflexões iniciais do meu projeto de Doutorado, tem como objetivo aprofundar as investigações acerca da relação desenho/escrita em dados de aquisição, tomando como objeto de análise o *corpus* de M.L., autora de uma vasta produção de desenhos e textos escritos que se encontram arquivados no banco de dados do Projeto "A relevância teórica dos dados singulares no processo de aquisição da linguagem escrita", desenvolvido desde 1992 no IEL/Unicamp, bem como dados transversais retirados desse mesmo banco de dados, que nos permitem verificar de que modo o desenho e a escrita são explorados ao longo do processo de aquisição de linguagem de um sujeito.

Com base nas análises já realizadas nos dados de M.L., foi possível observar a emergência e a manutenção de um traço estilístico ao longo de suas produções, o que mostra que esse sujeito foi capaz de fazer escolhas em seu trabalho com a linguagem, desenvolvendo, desse modo, um estilo próprio através do qual pôde

imprimir uma marca pessoal a suas produções. O desenho constituiu-se, portanto, para esse sujeito, numa *atividade intelectual complexa* (cf. Luria, 1988) ao longo de todo o seu processo de aquisição da escrita, permitindo-lhe, inclusive, deixar marcas de seu estilo também nesse tipo de produção.

A partir da análise dos dados de M.L., será discutido o processo através do qual emergem e vão se constituindo a polifonia e a metaenunciação na produção textual desse sujeito, características observadas nos dados já analisados e que parecem contribuir para a constituição da ironia que caracteriza o estilo desse sujeito (cf. Aburre 1999, 2001 e 2003).

Analisando a trajetória dos estudos sobre o desenho infantil, deparamo-nos com duas perspectivas diferentes: de um lado, encontramos uma série de trabalhos que adotam uma visão maturacionista do desenho infantil, enfatizando principalmente a maneira como a criança representa a realidade à sua volta. De outro lado, encontramos trabalhos baseados na perspectiva histórico-cultural defendida por Vygotsky e seus colaboradores, que consideram o desenho infantil como um espaço, socialmente constituído, de representação simbólica da criança.

Conforme Vygotsky (1991 [1935]), o desenho é um estágio preliminar do processo de aquisição da escrita, a partir do qual a criança vai construindo processos de significação que vão muito além de uma simples tentativa de representar a realidade que a circunda. Sob essa perspectiva, entendemos que as imagens figurativas produzidas pelas crianças podem fornecer pistas sobre o modo como se desenvolve o seu processo de atribuição de sentido (cf. Ferreira, 1998), revelando-se como um caminho fecundo para a análise do desenvolvimento da escrita infantil.

Desse modo, a partir das análises já realizadas no *corpus* longitudinal de M.L., pretendemos enfatizar a idéia de que o desenho é uma linguagem capaz de expressar o *querer-dizer* de um sujeito num momento em que a escrita ainda não está plenamente desenvolvida e que através de uma análise longitudinal é possível reconstituir o percurso individual trilhado por esse sujeito ao longo de seu processo de aquisição da escrita.

Pressupostos teóricos e metodológicos

O presente trabalho está fundamentado em uma concepção sócio-histórica de linguagem, através da qual assume-se que a linguagem é um lugar de interação humana, de interlocução. Conforme Franchi (FRANCHI, 1987):

A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos. (p.12)

Assim, ao considerar o desenho como uma forma de linguagem, torna-se possível tomá-lo como uma possibilidade de manifestar esse *trabalho de linguagem*, também resultante da interação e da atividade do sujeito na constituição dessa linguagem.

Tomando a linguagem como um trabalho, como um lugar de interação em que sujeito e linguagem mantêm uma relação dinâmica e constitutiva, esta concepção teórica permite-nos não só visualizar a relação entre sujeito e linguagem, como também analisar a maneira como cada sujeito em particular vai construindo essa relação. A partir dessa concepção, podemos olhar para histórias individuais de envolvimento com a linguagem e buscar nessas histórias traços que as singularizem, tornando-se possível, portanto, pensar em uma concepção de estilo como *escolha*, como *marca de trabalho do sujeito* com a linguagem (cf. Possenti, 1988).

Desse modo, podemos observar estilos em construção mesmo nas fases iniciais de aquisição da escrita, uma vez que nessa fase já é possível observar marcas, voluntárias ou não, das escolhas que o sujeito realizou em seu trabalho com a escrita.

Ainda sobre a questão do estilo, são importantes as reflexões bakhtinianas acerca da diferenciação estilística própria dos gêneros discursivos. Tomando os gêneros do discurso como *tipos relativamente estáveis de enunciados* (Bakhtin, 2003[1952/1953]: 262) que circulam em diferentes esferas de comunicação social, Bakhtin afirma que há uma relação indissociável entre o estilo e os gêneros do discurso. Para ele, todo enunciado é individual e pode refletir a individualidade do falante (ou escrevente), ou seja, seu estilo individual. Bakhtin lembra, porém, que alguns gêneros são mais propícios a essa manifestação estilística que outros, a depender do estilo do gênero produzido. O trabalho estilístico individual estaria, portanto, atrelado ao trabalho com os gêneros discursivos, que seriam o ponto de partida para o desenvolvimento do estilo individual.

A concepção bakhtiniana de linguagem como um processo dialógico será fundamental para o que se pretende discutir neste trabalho, uma vez que, ao analisar dados de aquisição de escrita, torna-se fundamental considerar que, conforme Bakhtin/Volochínov, ao enunciar, o falante (escrevente) não parte do nada, mas considera os enunciados anteriores com que se relaciona. Um enunciado, o discurso de alguém, não surge no vazio, mas se relaciona, dialoga, com enunciados (discursos) precedentes. Nas palavras do autor: "*a compreensão é uma forma de diálogo, ela está para a enunciação assim como uma réplica está para o diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra*" (Bakhtin/Volochínov, 2006 [1929]: 132).

Considerando esse caráter dialógico da linguagem, segundo o qual todo discurso é construído a partir do discurso do outro, a noção de polifonia (cf. Bakhtin, 1963) também nos parece importante para analisar o trabalho realizado por um sujeito durante seu processo de aquisição da escrita. De acordo com D. Barros (2005), um texto polifônico é aquele em que o "*dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem*" (p. 34), um texto polifônico, portanto, é aquele que mostra os diálogos entre discursos, é um texto cujas diferentes vozes que o compõem dialogam explicitando o dialogismo que é constitutivo de toda linguagem.

Desenvolvido por Bakhtin a partir da análise do romance de Dostoiévski, o conceito de polifonia é retomado por diferentes autores, dentre os quais podemos destacar Ducrot (1987), que em seu *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação* questiona "*o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz*" (p. 161). Para o autor, a polifonia se mostra quando o enunciado "*assinala em sua enunciação, a superposição de diversas vozes*" (p.172), ou seja, quando é possível visualizar a presença do *locutor*, o responsável pelo discurso, e dos

enunciadores que, de acordo com Ducrot, são "seres" que "falam" através da enunciação, "*expressando seu ponto de vista, mas não no sentido material do termo*" (p. 192).

Para Fiorin (2001), as diferentes vozes presentes no enunciado constituem a heterogeneidade que caracteriza o discurso. Conforme o autor, através da polifonia "*o discurso torna-se um espaço conflitual e heterogêneo ou contratual e homogêneo onde vozes discordantes e concordantes tomam lugar em níveis diferentes. Essas vozes concordam, discordam, constituem-se*" (p. 71-72).

Considerando a heterogeneidade como marca fundamental do discurso, Authier-Revuz (2004) analisa como se dá a presença do outro no discurso, desenvolvendo os conceitos de *heterogeneidade mostrada* e *heterogeneidade constitutiva*. Segundo a autora, a heterogeneidade constitutiva é aquela que não se mostra no fio do discurso, mas que faz parte de sua própria constituição; já a heterogeneidade mostrada é aquela que deixa ver a presença do outro através de marcas linguísticas explícitas como o discurso direto, o discurso indireto, as aspas, o itálico e a metaenunciação, ou através de recursos menos explícitos como o discurso indireto livre. Conforme Fiorin (2005), "*a heterogeneidade constitutiva diz respeito ao funcionamento real do discurso e a heterogeneidade mostrada refere-se à voz do outro inscrita no discurso*" (p. 220-221).

Tomando como ponto de partida a afirmação de Authier-Revuz de que os enunciados *meta* explicitam a heterogeneidade mostrada do discurso, e diante de dados do *corpus* de M.L. que revelam essa reflexão *meta* do sujeito, consideramos importante observar também de que modo a metaenunciação se faz presente em suas produções.

Com relação ao termo *meta*, é importante lembrar que há uma variação terminológica para se referir a esse fenômeno, de acordo com a filiação teórica de cada trabalho. Considerando os pressupostos teóricos que norteiam este projeto, utilizaremos o termo *metaenunciação* que, de acordo com Authier-Revuz (2004), pode ser caracterizado como "*uma negociação do sujeito em meio a toda a heterogeneidade constitutiva que caracteriza o discurso*". Assim, diante de dados de sujeitos em processo de aquisição da escrita, e considerando a afirmação de Jakobson (1995 [1960]) de que "*todo processo de aprendizagem da linguagem, particularmente a aquisição, pela criança da língua materna, faz largo uso de [...] operações metalingüísticas*" (p. 127), parece-nos ser possível buscar indícios do modo como esses sujeitos refletem sobre seu próprio dizer, analisando quais as estratégias que eles usam para tornar seu *querer-dizer* mais acessível ao seu interlocutor.

A partir dos trabalhos de Bakhtin e Authier-Revuz, J. Barros (2004) afirma que o gesto metaenunciativo caracteriza-se pelo retorno sobre o próprio dizer, ou seja, ao metaenunciar "*o sujeito toma distância do próprio texto, assume a palavra e "dirige-se" a seu leitor*" (p. 185). E parece ser justamente esse trabalho que M.L. realiza em muitos de seus desenhos e escritos.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho será fundamentado no Paradigma Indiciário de Investigação explicitado por C. Ginzburg (1986) e definido em Abaurre et alii (1997) como "*um modelo epistemológico fundado no detalhe, no "resíduo", no episódico, no singular*".

A observação de pistas, sinais, indícios, que revelem as marcas do trabalho que o sujeito realiza com a linguagem, mostrou-se bastante produtiva em nosso trabalho de Mestrado, por nos permitir fazer o acompanhamento longitudinal do processo de

aquisição da escrita de M.L, apresentando uma história singular de envolvimento com o desenho e a escrita. Desse modo, nessa próxima etapa da pesquisa, procurarei reforçar as análises já feitas a partir da análise do *corpus* de M.L., discutindo de que modo os dados de M.L. podem ser tomados como provas (cf. Ginzburg, 2002) para validar hipóteses elaboradas a partir de dados longitudinais. Além disso, serão buscadas marcas das diferentes *vozes* que se fazem presentes em seus desenhos e suas escritas, bem como da postura *metaenunciativa* que caracteriza sua produção (cf. Barros, 2004).

Como resultado esperado, pretendemos validar as conjecturas já feitas sobre os dados analisados e reforçar a importância do trabalho com dados indiciais no âmbito das pesquisas qualitativas sobre linguagem.

Os dados analisados

Os dados que compõem o *corpus* de M.L. foram coletados naturalisticamente pela mãe e são representativos de materiais produzidos desde os primeiros traços por ela colocados no papel, até a redação que escreveu para o vestibular da Unicamp/1994. Desse modo, além dos cadernos escolares e das atividades realizadas em sala de aula, encontramos uma vasta produção realizada em casa, a partir do interesse de M.L.

Nesse trabalho, especificamente, analisaremos os textos escritos e os desenhos de M.L. desde suas primeiras produções até o final do Ensino Médio, considerando tanto a produção escolar quanto aquela produzida em ambiente doméstico. Observaremos, ainda, os relatórios das professoras de M.L. que comentam seu desempenho escolar desde o Jardim da Infância até o final da quarta série do ensino fundamental, documentos em que, em vários momentos, é possível perceber a maneira singular com que M.L. explora o desenho.

Diferentes estratégias de manifestação de um querer-dizer

Para ilustrar o tipo de trabalho que esses sujeitos realizaram com o desenho e a escrita, apresentaremos um breve conjunto de dados representativos das diferentes estratégias usadas por esses sujeitos para expressar seu *querer-dizer*.

(1) Quadrinhos da história *Destino*. 1985. 3ª série. Produzido em ambiente doméstico. (cf. anexo 1)

Nessa produção, M.L. recorre a uma história em quadrinhos para explorar uma temática político-social que, a partir da terceira série, passa a ser uma constante em suas produções. Nesse trecho, a polifonia faz-se presente através do entrecruzamento da voz de M.L., que denuncia o preconceito contra uma variedade estigmatizada, e da voz da personagem-urso que representa justamente essa variedade. De acordo com J. Barros (2004: 187), uma das características de M.L. é

"dar voz ao outro" em suas produções e, desse modo, falar em nome desse outro. É exatamente isso que podemos observar aqui. Ao "dar voz" ao ursinho pobre que é discriminado na escola por causa da variedade lingüística que utiliza, M.L. registra sua crítica a esse tipo de situação.

Ao optar por um gênero em que texto e imagem são constitutivos de sua forma composicional, M.L. articula esses dois recursos para expressar aquilo que pretende dizer.

No dado (2), abaixo, produzido num momento em que o sujeito já tinha um maior domínio da escrita, encontramos uma reflexão sobre os problemas enfrentados pelos migrantes no Brasil, e vemos a polifonia emergir não só através da intertextualidade com o "*Poema tirado de uma notícia de jornal*", de Manuel Bandeira, como também através da multiplicidade de vozes (cf. Bakhtin, 1981 [1963]) que emerge da narrativa.

(2) *A vida... e daí.* 1989. 7ª série. Produção escolar (cf. anexo 2)

A partir do título "*A vida... e daí?*", M.L. já dá indícios do tipo de reflexão que fará ao longo do texto. As reticências convocam o leitor a refletir sobre o significado da vida e a pergunta "e daí?" faz com que percebamos que, nesse caso, a vida é percebida como algo sem muita importância.

A partir de uma relação intertextual com o "*Poema tirado de uma notícia de jornal*", de Manuel Bandeira, M.L. constrói um texto em que, mais do que relatar a trajetória de vida da personagem João Gostoso, nos conduz a refletir sobre a migração no Brasil, mostrando o destino dos muitos "Joãos" que deixam sua terra natal em busca de uma vida melhor e que, na maioria das vezes, encontram ainda mais miséria ao chegarem nos grandes centros urbanos do sul e do sudeste.

Se na história em quadrinhos (dado (1)) a reflexão sobre as dificuldades do migrante era apenas sugerida, no texto narrativo (dado (2)), M.L. deixa marcada sua posição. Logo no início, ao apresentar a personagem, ela já mostra o tipo de vida que esses migrantes levavam em sua terra natal: "*Não tinha identidade, pois era o 5º João de sua família, não tinha nada que o diferenciasse ... parecia um boi num rebanho, que já nasce encaminhado pro matadouro*". Através da repetição do nome^[1] e da comparação com um boi num rebanho, M.L. deixa claro que o destino dessa personagem já tinha sido traçado desde o dia de seu nascimento.

Diante de uma vida tão difícil, João Gostoso segue a trajetória de muitos de seus conterrâneos: "*Vou pro sul, lá eles tem dinheiro, tem comida, e tem emprego!*" e assim como eles, o que encontra é uma vida bem diferente daquela sonhada durante a viagem: "*A primeira coisa que João fez ao chegar foi procurar emprego, não achou! Foi procurar casa, não achou! Foi procurar comida, não achou! Achou fome, miséria, favelas e desemprego...*". Nesse trecho vale destacar o recurso usado por M.L. para mostrar o fracasso da viagem de João. Ao conduzir o fluxo da narrativa através de uma seqüência de gradações, M.L. mostra como, aos poucos, tudo aquilo que havia sido sonhado vai se desmanchando ao chegar à "terra prometida".

O desfecho da narrativa é aquele traçado desde o início: "*João, o que a vida te retribuiu? Você não tem passado nem presente, muito menos futuro, o que você está fazendo nesse mundo cão? Qual seu papel na vida? Porque? Nessa hora passa um rapaz rico no seu carro conversível... foi nessa hora que João ficou com mais raiva ainda, então falou para si mesmo, a minha única esperança de uma vida melhor... é a morte!*". É o momento em que João, ao contrário do personagem-urso

de *Destino*, que volta para sua terra natal, se dá conta de que sua vida não tem significado algum. Assim, sua única saída é: "*Se atirar na lagoa e finalmente encontrar... a vida!*", lembrando a idéia discutida em João Cabral de Melo Neto de que a vida do retirante nordestino começa com sua morte.

Em (2), vemos emergir novamente a polifonia através das diferentes vozes que ecoam da narrativa: a voz da personagem, a voz do narrador, a voz da "consciência" de João Gostoso (*uma voz que vinha de dentro do seu coração*) e a própria voz de M.L. que faz-se presente através dos recursos que usa para compor seu texto. Explorando recursos da escrita - escolha lexical, organização sintática, desenvolvimento da estrutura da narrativa - M.L. reflete sobre o tema em questão e conduz seu leitor a acompanhá-la nessa reflexão. É importante lembrar, ainda, que o texto foi produzido quatro anos depois da história em quadrinhos, sendo natural que M.L. demonstre mais maturidade na discussão do tema, bem como um domínio maior na manipulação da escrita.

Em muitos dados presentes no *corpus* de M.L., é possível localizar momentos em que ela reflete sobre questões lingüísticas. Se essas reflexões são planejadas ou emergem durante a produção, decorrentes do tipo de trabalho que ela vinha realizando, não nos importa aqui; o que importa é que há momentos, seja no desenho, seja no texto escrito, em que ela parece pensar sobre os recursos lingüísticos que utiliza, numa postura que J. Barros (2004) identifica como sendo de natureza *metaenunciativa*. O dado (3) é representativo desse tipo de ocorrência.

(3) 1989, 7ª série. Produzido em ambiente doméstico. (cf. anexo 3)

Diante de um termo que talvez pudesse soar estranho ao seu leitor, M.L. se precavê esclarecendo, através de uma nota, o que sua personagem quer dizer com sua exclamação. Aqui, seu olhar volta-se ao mesmo tempo para a escrita e para o desenho, já que não só explica, através da escrita, o que é um "formifugo", como complementa essa explicação com o próprio desenho que representa justamente essa figura híbrida que ela criara. Para Bakhtin (2006 [1929]): 141) *um discurso que ignore o destinatário seria simplesmente impossível*, e parece ser essa uma das preocupações de M.L. ao fazer uso da metaenunciação, já que através desse recurso, ela garante que seu interlocutor compreenda seu *querer-dizer*.

No dado (4), exemplo das várias produções em que M.L. explora a temática política, através da caricaturização dos candidatos ao governo, ela produz um efeito irônico ao salientar, tanto no texto, quanto no desenho, o que marca o discurso de cada um desses candidatos.

(4) *Candidatos a governo*. 1986. Produzido em ambiente doméstico^[2]. (cf. anexo 4)

Nesse dado, a polifonia instaura-se através do uso do discurso direto que reproduz a voz de cada um dos candidatos, o que será reforçado pela própria expressão facial e a caracterização dos candidatos retratados, que permitem a M.L. reproduzir não só os discursos que os definem, como também captar características físicas que lhes são peculiares.

De acordo com Brait (1996:15), a ironia deve ser considerada como *uma estratégia de linguagem, que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia*. Ao ressaltar aquilo que singulariza cada um dos candidatos, seja fisicamente ou através do discurso político, M.L. dá um viés irônico à sua produção, revelando seu olhar crítico e expressando também a sua voz.

A partir dessas observações, torna-se possível afirmar que o desenho infantil pode ter mais do que a intenção de figurar a realidade que rodeia uma criança. As produções de M.L. mostraram que, mais do que figurar, seus desenhos têm como função expressar suas idéias, provocar, brincar, manifestar suas escolhas, marcar suas posições. Seus desenhos, enfim, assim como seus textos escritos, são um espaço no interior do qual M.L. se constitui como sujeito de linguagem.

Os dados apresentados mostram a relevância de uma investigação, como a que propomos, que objetiva ampliar as reflexões sobre o papel do desenho no processo de aquisição da linguagem escrita, e elaborar hipóteses sobre a maneira como diferentes sujeitos constroem processos de significação através da escrita.

Bibliografia

ABAURRE, Maria Bernadete Marques, FIAD, Raquel Salek & MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade(1997). **Cenas de Aquisição da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, ALB.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques, FIAD, Raquel Salek & MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade (orgs.). (2003). **Estilo e gênero na aquisição da escrita**. Campinas: Komedí.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. (2005). *Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso*. Em: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

_____. (1994). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP.

BARROS, Juliene da Silva. (2004). **Intercalação, (meta)enunciação e autoria: uma análise textual-discursiva da interposição**. Tese (Doutorado em Lingüística). Campinas (SP): Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V.N. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. (1952/1953). **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (1963). **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *O discurso no romance*. Em: **Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance)**. São Paulo: Hucitec, 1998.

FERREIRA, Sueli. (1998). **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas: Papirus.

FRANCHI, Carlos. (1987). *Criatividade e Gramática*. Em: **Trabalhos de Lingüística Aplicada**. (9): 05-45. Campinas: IEL/UNICAMP.

GINZBURG, Carlo. (1986). **Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras.

JAKOBSON, ROMAN (1960). *Lingüística e poética*. In: **Lingüística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995.

LURIA, Alexander Romanovich. (1988). *O desenvolvimento da escrita na criança*. Em: Lev Semenovitch Vigotsky; Alexander Romanovich Luria & Alexis N. Leontiev. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. Seleção e apresentação de José Cipolla et alii. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone/ Edusp.

VYGOTSKY, A. R. (1991). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes.

[1] A questão dos nomes que se repetem foi muito bem explorada em *Morte e vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, texto a que M.L. já teve acesso como mostra uma de suas produções da 4ª série.

[2] Nessa produção M.L. apresenta os candidatos ao governo de São Paulo: Orestes Quércia, Antonio Ermírio de Moraes, Eduardo Suplicy e Paulo Maluf. A eleição foi vencida por Orestes Quércia.

Anexo 1

(1) Quadrinhos da história *Destino*. 1985. 3ª série. Produzido em ambiente doméstico.



Anexo 2

(2) A vida... e daí. 1989. 7ª série. Produção escolar

Em Nossa Senhora de Pirapora do Agreste, no ano de 1964, nasceu um garotinho, 11º filho de uma mãe cansada, João cresceu sem atenção da mãe, que morreu 2 anos depois do seu nascimento. Não tinha identidade, pois era o 5º João de sua família, não tinha nada que o diferenciasse ... parecia um boi num rebanho, que já nasce encaminhado pro matadouro.

Quando completou 19 anos, já havia aprendido “algumas letras” e procurou um emprego, pois a seca naquele ano era brava, já havia matado 3 irmãos seus, e seu pai, velho e bêbado, já não botava um centavo em casa... Então João sentou-se à sombra de uma árvore e pensou – Vou pro sul, lá eles tem dinheiro, tem comida, e tem emprego! – então João fez uma trouxa com algumas roupas e pegou o 1º pau de arara que passou.

Depois de uma viagem muito desconfortável João chegou à terra prometida, lá havia o mar, lá não havia a seca – aqui sim vou ser feliz! pensou João. A primeira coisa que João fez ao chegar foi procurar emprego, não achou! Foi procurar casa, não achou! Foi procurar comida, não achou! Achou fome, miséria, favelas e desemprego... Quando João começou a trabalhar como feirante foi apelidado João gostoso, pois sempre trazia frutas gostosas e fresquinhas para as bocas das madames. Depois de 1 ano ele se casou, teve 5 filhos, e não mudou de emprego, morava numa favela e o salário não dava nem para o começo... Mas João não desistia, nunca parava pra pensar na vida, apenas acreditava em 2 coisas, em Deus e no futuro. Até que um dia, ele voltava pra casa quando passou na frente de um bar. Entrou, sentou-se ao lado de meretrizes e ladrões, parou, bebeu. Foi aí que ele escutou uma voz que vinha de dentro do seu coração, do seu íntimo mais profundo, essa voz dizia – João, o que a vida te retribui? Você não tem passado nem presente, muito menos futuro, o que você está fazendo nesse mundo cão? Qual seu papel na vida? Porque? Nessa hora passa um rapaz rico no seu carro conversível... foi nessa hora que João ficou com mais raiva ainda, então falou para si mesmo, a minha única esperança de uma vida melhor... é a morte! Então João dançou com a mais depravada das prostitutas, cantou música brega como se fosse hino, bebeu cachaça como se fosse o mais fino dos licores... e finalmente se entregou à vida de prazeres, se entregou à morte! Se atirou na lagoa e finalmente encontrou... a vida!

Anexo 3

(3) 1989, 7ª série. Produzido em ambiente doméstico.



Anexo 4

(4) *Candidatos a governo.* 1986. Produzido em ambiente doméstico

